

GT1- Teoria política marxista

O fascismo segundo Trotsky

Matheus de Carvalho Barros¹

Resumo

A análise de Leon Trotsky sobre a ascensão do Nacional-Socialismo – e do fascismo em geral - destaca-se na literatura marxista da década de 1930 como uma das tentativas mais coerentes de descrever e prever as consequências desse fenômeno para o movimento dos trabalhadores. No exílio, isolado em uma ilha turca, o revolucionário russo escreveu uma sequência de textos sobre a ascensão do nazismo na Alemanha que, como estudos concretos de uma conjuntura política, são de uma qualidade sem par no conjunto do materialismo histórico. Desta forma, tendo em vista a discussão sobre o caráter dos movimentos de extrema-direita que surgem em diferentes países e o atual debate sobre o conceito de fascismo, o objetivo do presente artigo é recuperar a contribuição de Leon Trotsky sobre o fenômeno fascista, mais especificamente a suas análises sobre a ascensão do nazismo na Alemanha, escritas entre 1930-1933 e publicadas recentemente no Brasil pela editora Autonomia Literária na coletânea intitulada *Como esmagar o Fascismo*.

1.Introdução

A discussão em torno do tema do fascismo retoma a sua atualidade quando observamos a ascensão de movimentos e partidos de extrema-direita em diversas partes do mundo. Contudo, em cada país e em cada contexto social, a direita reacionária se expressa de formas diferentes e possui suas particularidades. A caracterização como fascista ou neofascista, por exemplo, pode se aplicar a alguns, mas não a todos. Como nos aponta Löwy (2019), algumas dessas forças emergentes têm características diretamente fascistas: é o caso do partido “Aurora Dourada” na Grécia, da CasaPound na Itália, e de vários outros partidos nacionalistas nos países bálticos. Nesse contexto, o surgimento dessa direita radical é certamente uma das características mais notáveis de nosso momento histórico.

¹ Mestrando em Sociologia pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal Fluminense (UFF). Contato: carvalho_barros@id.uff.br.

No Brasil, a discussão sobre fascismo e neofascismo veio à tona com a eleição de Jair Bolsonaro à presidência da República. Esse debate foi colocado a público recentemente, por exemplo, quando Armando Boito Júnior se propôs a analisar a emergência de um movimento neofascista no Brasil. Os artigos de Boito Júnior, publicados pelo jornal *Brasil de Fato*, foram inicialmente uma resposta a um texto de Atilio Borón publicado pela *Página 12*. Em seu artigo, Borón (2019) argumenta que é um erro grave classificar Jair Bolsonaro como um fascista. Segundo o sociólogo argentino, o fascismo é uma “categoria histórica”, ou seja, possui características únicas cujas condições para o seu surgimento seriam próprias do período entre guerras. Portanto, tais condições seriam irrepetíveis no contexto atual. Em contraposição à Borón, Armando Boito (2019) acredita ser possível o surgimento do fascismo na atualidade, e destaca que essa possibilidade não pode ser descartada principalmente no cenário brasileiro. Utilizando Nicos Poulantzas como referência, o professor da Unicamp argumenta que a crise econômica e política que marcam o tempo presente colocam a possibilidade do ressurgimento do fascismo, mesmo que o fenômeno assuma formas distintas de sua matriz histórica.

Diante deste cenário global, se é verdade que, “a história do fascismo é ao mesmo tempo a história de sua teoria” (MANDEL, 1995, p. 147), uma elaboração teórica sistemática do fenômeno do fascismo era e continua sendo uma pré-condição para uma prática antifascista efetiva. Desse modo, faz-se necessário recuperar a contribuição de Leon Trotsky sobre o surgimento e a ascensão do “Nazifascismo”.

É difícil dimensionar a importância política e intelectual de Liev Trotsky (1879-1940). Presidente do Soviete de Petrogrado nas revoluções de 1905 e 1917, organizador do exército vermelho, líder da oposição a Stalin na Rússia e fundador da Quarta Internacional, Leon Trotsky se configura como um dos personagens mais importantes da história do movimento comunista e da história do século XX como um todo (BIANCHI, 2005).

No exílio, isolado em uma ilha turca, o revolucionário russo escreveu uma sequência de textos sobre a ascensão do nazismo na Alemanha que, como

estudos concretos de uma conjuntura política, são de uma qualidade sem par no conjunto do materialismo histórico (ANDERSON, 1976).

A análise de Leon Trotsky sobre a ascensão do Nacional-Socialismo – e do fascismo em geral - destaca-se na literatura marxista da década de 1930 como uma das tentativas mais coerentes de descrever e prever as consequências desse fenômeno para o movimento dos trabalhadores (WISTRICH, 1976). Segundo Isaac Deustcher (1970), o organizador do exército vermelho foi um dos primeiros marxistas a compreender o delírio destrutivo que o nazismo iria estourar sobre o mundo.

Embora de modo algum o único, ou mesmo o primeiro escritor no campo do marxismo a produzir uma definição precisa sobre o fenômeno do fascismo, sem dúvidas é verdade que Trotsky percebeu mais claramente que muitos dos seus contemporâneos as dinâmicas e contradições que permitiram que o partido liderado por Hitler chegasse ao poder (WISTRICH, 1976). Desta forma, tendo em vista a discussão sobre o caráter dos movimentos de extrema-direita que surgem em diferentes países e o debate sobre o conceito de fascismo, o objetivo do presente artigo é recuperar a contribuição de Leon Trotsky sobre o fenômeno fascista, mais especificamente a suas análises sobre a ascensão do nazismo na Alemanha, escritas entre 1930-1933 e publicadas recentemente no Brasil pela editora Autonomia Literária na coletânea intitulada *Como esmagar o Fascismo*.

2. A especificidade do fascismo: crise, pequena burguesia e movimento de massas

Após as eleições de setembro de 1930, Trotsky escreve seu primeiro texto sobre a conjuntura política alemã. Em *O Giro da Internacional Comunista e a Situação Alemã*, o revolucionário russo já identificava que sob os golpes da crise, as eleições mostraram que a pequena burguesia estava se inclinando não para a revolução proletária, mas sim para uma reação imperialista extremada, arrastando consigo importantes camadas do proletariado. Analisando os resultados dos votos daquele ano, Trotsky (2018) argumenta que o crescimento gigantesco do Nacional-Socialismo é fundamentalmente expressão de dois fatos.

Em primeiro lugar, da crise social profunda que lançou as massas pequeno burguesas para fora de seu equilíbrio e, por outro lado, expressa a ausência de um partido revolucionário que pudesse se apresentar as massas populares como agente transformador da realidade concreta.

Nessa perspectiva, é possível dizer que o “fascismo histórico”, tanto na Itália como na Alemanha, é produto de uma severa e sistêmica crise do capitalismo monopolista, onde a acumulação do capital sob os marcos da democracia burguesa é progressivamente minada. Em consequência dessa crise econômica e política há um descontentamento cada vez maior entre as camadas sociais médias, mais especificamente entre a pequena burguesia que passa a se engajar em movimentos de massas (MANDEL, 1995).

Para Trotsky (2018), o caos do pós-guerra atingiu o artesão, o ambulante, e o funcionário público de forma não menos cruel que os trabalhadores. A crise econômica na agricultura levou os camponeses a ruína. A pauperização da pequena burguesia corroeu todas as crenças oficiais e antes de mais nada, a doutrina do parlamentarismo democrático. O comunista russo argumenta que, na atmosfera trazida pelo calor da guerra, derrota, reparações, inflação, ocupação do Ruhr, crise e desespero, a pequena burguesia se ergueu contra os velhos partidos que lhe haviam enganado. Nesse contexto, “as graves reclamações dos pequenos proprietários, nunca distantes da bancarrota, com seus filhos universitários sem cargos e clientes, exigiam ordem e mão de ferro” (TROTSKY, 2018, p. 221).

Trotsky (2018) argumenta que durante o início da carreira política de Hitler, o austríaco teria se destacado apenas por possuir um grande temperamento, gritar mais alto do que os outros, e uma mediocridade intelectual. Ele não introduziu ao movimento um programa pré-elaborado, se deixarmos de lado “a sede por vingança do soldado ofendido” (TROTSKY, 2018, p. 222). Contudo, Trotsky aponta que Hitler se notabilizou através das queixas e reclamações sobre os termos de Versalhes, a alta no custo de vida, a falta de respeito para “merituosos” soldados e o complô de banqueiros e jornalistas judeus. Havia na Alemanha uma quantidade considerável de pessoas arruinadas e derrotadas com

feridas abertas. Segundo Trotsky (2018), esse cenário lhe proporcionou a possibilidade de unificar todas as formas de frustração no entorno do “saco sem fundo” do Nacional-Socialismo, e de dirigir as massas na direção na qual ela lhe empurrava.

Quando a pequena-burguesia é tão fortemente afetada pela crise estrutural do capitalismo tardio – inflação, quebra de pequenos negócios, desemprego em massa entre universitários, técnicos e servidores públicos – uma parcela desta classe, sobretudo motiva por ressentimentos psicológicos e pelo medo da proletarização, aos poucos começa a adotar visões extremadas e engajar-se em ações violentas (MANDEL, 1995). Nessa perspectiva, numa carta escrita para Max Shachtman em novembro de 1931, Trotsky já identificava uma das especificidades fundamentais do fascismo. O comunista russo começa a correspondência destacando que a ditadura espanhola de Primo de Rivera (1923-1930) era descrita pela Internacional Comunista como uma ditadura fascista. Entretanto, Trotsky (2018) se contrapõe a essa definição da Comintern argumentando que o movimento fascista surgido na Itália foi um movimento de amplas massas e com novos líderes de base. O fenômeno italiano teria sido

um movimento plebeu em sua origem, direcionado e financiado por grandes capitalistas. Ele surge da pequena-burguesia, dos setores mais marginais do proletariado e, até certo ponto, da massa proletária; Mussolini, um ex-socialista, é o empreendedor que surge deste movimento (TROTSKY, 2018, p. 12).

Trotsky (2018) aponta que diferentemente de Mussolini, Primo de Rivera era um aristocrata. Ocupou altos postos na hierarquia militar e na burocracia estatal. O ex-governador da Catalunha garantiu sua tomada de poder com a ajuda do Estado e das forças armadas. Mussolini teria tido, segundo Trotsky, dificuldades em reconciliar velhas instituições militares com a milícia fascista. Problema este que não existiu com Rivera. Desta forma, para o revolucionário russo, as ditaduras na Espanha e Itália são duas formas ditatoriais distintas.

No mesmo escrito, voltando os olhos para a conjuntura alemã, Trotsky salienta que o movimento liderado por Hitler é análogo em geral ao italiano. Ou seja, o nazismo seria “um movimento de massas, com seus líderes usando grandes

quantidades da retórica socialista. E isto é necessário para a criação de um movimento de massas” (TROTSKY, 2018, p. 12). Desse modo, o autor de *A História da Revolução Russa* é enfático ao dizer que: “A base genuína do fascismo é a pequena burguesia. Na Itália, ela tem uma base muito grande – a pequena burguesia das cidades e vilas, e do campesinato. Na Alemanha, igualmente, há uma ampla base para o fascismo” (TROTSKY, 2018, p. 12).

Portanto, é possível dizer que, para Leon Trotsky, o fascismo – diferentemente de outros movimentos contrarrevolucionários e regimes ditatoriais – seria em primeira instância um movimento reacionário de massas da pequena burguesia revoltada. Neste movimento – como nos aponta Ernst Mandel (1995), a partir de uma perspectiva trotskista – encontramos uma combinação de um nacionalismo extremo e uma manifestação verbal demagógica anticapitalista com uma hostilidade ainda maior contra o movimento operário organizado.

No texto intitulado *O que é Nazismo*, escrito em 1933, Trotsky faz um importante resumo sobre a conjuntura social e ideológica de ascensão da pequena burguesia reacionária:

A pequena burguesia tira refúgio em seu último canto, em uma mitologia que se coloca acima da matéria e da história, protegida da competição, inflação, crise, e do leilão de bens. Para a evolução, o pensamento econômico, e o racionalismo – aquele do século XX, XIX e XVIII – se contrapõem em sua cabeça o idealismo nacional, fonte da origem heroica. A nação de Hitler é uma sombra mitológica da própria pequena burguesia, seu delírio patético de milênio na terra. Para ser colocado acima da história, a nação é vista pela raça. A história se dá com a emanção da raça. As qualidades da raça são entendidas sem relação com mudanças na condição social. Ao rejeitar na base o “pensamento econômico” o Nacional Socialismo cai de patamar – do materialismo econômico ele apela ao materialismo zoológico (...) O fascismo tornou acessível a política as profundezas da sociedade. Na verdade, não só nas casas camponesas, mas também os arranha-céus das cidades habitam ao lado do século XX, o século X ou XII. Centenas de milhões de pessoas usam a eletricidade e ainda acreditam no poder mágico dos símbolos e do exorcismo. Que intermináveis reservas de ignorância, escuridão e selvageria possuem! O desespero os colocou de pé, o fascismo lhes deu uma bandeira. Tudo que o desenvolvimento sem obstáculos da sociedade deveria ter eliminado naturalmente do organismo, na forma de excrementos da cultura, agora é vomitado: a civilização capitalista está vomitando uma barbárie não digerida. Tal é a fisiologia do nacional socialismo (TROTSKY, 2018, p. 225).

3. Fascismo, o grande capital e a classe trabalhadora

Todavia, a autonomia do movimento de massas fascista da pequena-burguesia “choca-se contra barreiras intransponíveis que correspondem à relação social de forças existentes no capitalismo monopolista tardio” (MANDEL, 1995, p. 153). Ou seja, um grande movimento de massas com um considerável número de “oficiais” pagos, precisa de bastante dinheiro para se desenvolver. Nesse cenário, a única fonte possível para tamanha fluidez de investimento seria o grande capital.

Entretanto, só uma combinação muito particular de circunstâncias fazem com que o grande capital invista em movimentos fascistas com algo mais do que pequenos subsídios. Essa conjuntura particular se apresenta quando a crise econômica se agrava, quando a grande burguesia sente uma urgente necessidade de livra-se de certos componentes básicos da democracia parlamentar, e quando há uma necessidade pontual de concentração do poder político, possibilitando que as classes dominantes atinjam as metas econômicas mais urgentes (MANDEL 1995). Como nos aponta Osvaldo Coggiola (2009), nascido nas margens do exército, o partido nazista no início foi financiado timidamente por alguns setores burgueses, como por exemplo, o editor Bruckham e o fabricante de pianos Bechstein. Contudo, após a crise de 1929, o caixa nazista recebeu apoio dos chamados “Kozern”, grupo empresarial representado entre outros por Kirdorf da indústria do carvão; Vorgler e Thyssen do aço e o banqueiro Schoeder.

Do ponto de vista dos interesses do grande capital, a longo prazo, o regime burguês parlamentar parece ser preferível a qualquer forma de ditadura, quanto mais à ditadura fascista. Segundo Mandel (1995), a dominação de classe burguesa reside numa combinação específica de elementos repressivos e elementos de integração. Onde o elemento repressivo for preponderante, há um maior risco de instabilidade social a longo prazo. Nessa perspectiva, o fascismo e outras formas de ditadura burguesa são um prolongamento do estado de sítio, uma forma de guerra civil permanente. Em determinadas conjunturas, essas formas específicas de regimes podem ser perigosas para a formação social capitalista na medida em que elas tendem a aumentar a tensão social. Porém, em cenários de severas crises econômicas

que dificultam o processo de valorizando do capital, esses regimes de exceção – como o fascismo – são instrumentos de preservação e estabilização da sociedade burguesa. No contexto do pós-Primeira Guerra e da crise de 1929, as classes dominantes não viam outra saída a não ser se livrar da própria democracia burguesa.

No texto *E agora? A revolução alemã e a burocracia*, escrito na primeira metade de 1932, Leon Trotsky argumenta que o fascismo não é simplesmente um sistema de repressão, de ato de força e de terror policial. O fascismo seria um “sistema de Estado particular, baseado no extermínio de todos os elementos da democracia proletária na sociedade burguesa” (TROTSKY, 2018, p. 55). Desse modo, para o revolucionário russo, a tarefa do fascismo não consistia apenas na destruição da vanguarda proletária, mas também em manter toda a classe trabalhadora em estado fragmentário. Para tal empreitada, a eliminação física da fração mais revolucionária do movimento operário era insuficiente. Trotsky aponta que seria necessário também destruir todos os pontos de apoio e de organização do proletariado e exterminar os resultados de anos de trabalho da social-democracia, dos sindicatos e, claro, do Partido Comunista.

Trotsky é enfático ao dizer que “a social-democracia preparou todas as condições para a vitória do fascismo” (TROTSKY, 2018, p. 74). Nessa perspectiva, lançar sobre a democracia burguesa alemã “a responsabilidade do sistema de decretos-leis de Brüning e da barbárie fascista ameaçadora é inteiramente justo” (TROTSKY, 2018, p. 74). Entretanto, para o líder da Oposição de Esquerda, se reconhecer essa responsabilidade da social-democracia na ascensão do partido nazista era correto, e identificá-la com o próprio fascismo seria no mínimo insensato. Trotsky será um dos grandes críticos da teoria do “social-fascismo”, defendida pelos partidos comunistas e pela III Internacional na virada dos anos 1920 para 1930 (MATTOS, 2020).

Nesse contexto, Leon Trotsky argumenta que há uma contradição entre a democracia burguesa e o fascismo. Isso não quer dizer que esta contradição seja “absoluta”, ou seja, não significa de forma alguma que esses diferentes tipos de dominação representem classes sociais antagônicas. Mas significa, segundo Trotsky (2018), que são sistemas de dominação distintos de uma única e mesma classe. Entre

democracia e fascismo não há diferença quanto ao “conteúdo” de classe. Ambos são regimes burgueses. Todavia, apesar de serem dois modelos de regime burguês, “esses dois sistemas, o sistema parlamentar democrático e o sistema fascista, apoiam-se em diferentes combinações das classes oprimidas e exploradas e se chocam inevitavelmente de forma aguda” (TROTSKY, 2018, p. 65).

Para Leon Trotsky, a social-democracia, que naquele momento era o principal representante do regime parlamentar burguês, apoiava-se nos trabalhadores. O fascismo, porém, apoiava-se fundamentalmente na pequena burguesia. Sendo assim, o revolucionário russo argumenta que a social-democracia não poderia ter influência sem as organizações operárias de massas. Por outro lado, o fascismo não poderia se consolidar de outra maneira senão destruindo as organizações do proletariado. “A arena principal da social-democracia é o parlamento. O sistema do fascismo é baseado na destruição do parlamento” (TROTSKY, 2018, p. 65).

Nesse sentido, Trotsky ressalta que para o grande capital, o regime parlamentar e o regime fascista não representam senão diferentes instrumentos de sua dominação. A burguesia monopolista “recorre a um ou a outro, segundo as condições históricas” (TROTSKY, 2018, p. 65).

A hora do regime fascista chega no momento em que os meios militares – policiais “normais” da ditadura burguesa, com sua capa parlamentar se tornam insuficientes para manter a sociedade em equilíbrio. Por meio da agência fascista, a burguesia põe em movimento as massas da pequena burguesia enfurecida, os bandos de “sem-classe”, os lumpemproletários” desmoralizados, todas essas inumeráveis existências humanas que o próprio capital financeiro levou ao desespero e à fúria (TROTSKY, 2018, p. 65).

Apesar de estar fundamentado em suas bases de massa, uma vez no poder, tanto o fascismo italiano quanto o nazismo alemão não foram os governos da pequena burguesia, mas, sim, os governos do grande capital monopolista (MATTOS, 2020). Em uma importante passagem do texto escrito em 1933, Leon Trotsky ilustra muito bem essa conjuntura:

O fascismo alemão, assim como o italiano, se ergueu ao poder nas costas da pequena-burguesia, que foi tornada bode expiatório contra as organizações da classe trabalhadora e as instituições democráticas. Mas o fascismo no poder é tudo menos o governo da pequena burguesia. Pelo contrário, ele é a ditadura mais impositiva

do capital monopolista. Mussolini tem razão: as classes médias são incapazes de políticas independentes. Durante os períodos de grande crise, são invocadas a seguir aos absurdos das políticas de uma das duas classes fundamentais. O fascismo conseguiu colocá-los a serviço do capital. Slogans como o controle estatal dos fundos financeiros e a supressão de lucros não oriundos do trabalho foram abandonados assim que se chegou ao poder. Pelo contrário, o particularismo da pequena burguesia deu lugar ao centralismo policial capitalista. Cada sucesso interno e externo das políticas do nazismo significará inevitavelmente o sufocamento do pequeno capital pelo grande (TROTSKY, 2018, p. 227).

Portanto, para Trotsky, a fascistização do Estado não significava apenas “mussolinizar” as formas e os processos de direção. Mas, antes de tudo, a fascistização consistia em

destruir as organizações operárias, reduzir o proletariado a um estado amorfo, criar um sistema de organismos que penetre profundamente nas massas e esteja destinado a impedir a cristalização independente do proletariado. É nisso que consiste a essência do regime fascista (TROTSKY, 2018d, p. 66).

4. Considerações finais

Portanto, a partir desta brevíssima análise dos escritos de Leon Trotsky sobre a ascensão do Nazismo na Alemanha, podemos concluir que, para o revolucionário russo, o fascismo seria fruto de uma severa e sistêmica crise do capital monopolista, onde seu processo de valorização se encontra minado nos marcos da democracia parlamentar burguesa. Concomitantemente a esta crise social, política e econômica, há um notório descontentamento entre as camadas médias da sociedade, mais especificamente entre a pequena-burguesia que passa a se engajar em organizações e movimentos de massas fundamentalmente violentos e reacionários. Autônomos em um primeiro momento, com o desenrolar da conjuntura, esses movimentos passam a ser instrumentalizados em grau cada vez maior pelo grande capital em sua tentativa de aniquilar o movimento dos trabalhadores e salvaguardar a sociedade burguesa. Resumidamente, está seria a essência da teoria do fascismo de Leon Trotsky.

Bibliografia

ANDERSON, Perry. **Considerações sobre o marxismo ocidental**. Edição: Edições Afrontamento – Rua de Costa Cabral, 859-4200 Porto, 1976.

BIANCHI, Alvaro. “*O primado da política: revolução permanente e transição*” in **outubro** n°.5. São Paulo, 2001, pp. 101-115.

BOITO JR., Armando. **O neofascismo no Brasil**. Boletim LIERI, UFRRJ, n.1, maio2019. Disponível: <http://laboratorios.ufrj.br/lieri/wp-content/uploads/sites/7/2019/05/Boletim-1-O-Neofascismo-no-Brasil.pdf>.

BORON, Atílio A. **Caracterizar o governo de Jair Bolsonaro como “fascista” é um erro grave**. Brasil de Fato. 02 de janeiro de 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/01/02/artigo-or-caracterizar-o-governo-de-jair-bolsonaro-como-fascista-e-um-erro-grave/>>.

COGGIOLA, Osvaldo. **Trotsky, the rise of nazism and Stalin's role**. In: Kunal Chattopadhyay (ed.). (Org.). **Fascism in a comparative perspective**. Kolkata: Jadvapur University, 2009.

DEUSTCHER, Isaac. **The Prophet outcast: Trotsky 1929 – 1940**. (Oxford: Oxford University Press), 1970.

FINCHELSTEIN, Frederico. **From fascism to populism in history**. University of California Press, 2017.

LOWY, Michael. **Conservadorismo e extrema direita na Europa e no Brasil**. Serv. Soc. Soc., São Paulo, n. 124, p. 652-664, out./dez. 2015.

_____. **Neofascismo: um fenômeno planetário – o caso Bolsonaro**. Bresserpereira.org. 2019.

MANDEL, ERNST. **Trotsky como alternativa**. Editora: Xamã, 1995.

MATTOS, Marcelo Badaró. **Governo Bolsonaro: neofascismo e autocracia burguesa no Brasil** – São Paulo: Usina Editorial, 2020. TRAVERSO, Enzo. **The new fascies of fascism**. Verso, 2019.

TROTSKY, Leon. **Como esmagar o Fascismo**. São Paulo, Autonomia Literária, 2018.

WISTRICH, Robert. **Leon Trotsky's Theory of Fascism**. Journal of Contemporary History, Vol. 11, No. 4, Special Issue: Theories of Fascism (Oct., 1976), pp. 157-184